

Levantamento Preliminar da Composição Florística e Faunística no Parque Municipal Vereador Antônio Francisco da Costa.

1. RESPONSÁVEL TÉCNICO PELO PROJETO:

NOME: Fernando Silveira Franco

REGISTRO PROFISSIONAL: CREA – Registro 1.405.712.767

ART Nº:

ENDEREÇO: Recanto Tarumã – Lote 04 – Bairro Demétria

Caixa Postal 102

CEP: 18.603.970

CIDADE: Botucatu - SP

TELEFONE: (14) 3814 - 3496

1.1 IDENTIFICAÇÕES DO PARQUE

NOME: Parque Municipal Vereador Antônio Francisco da Costa

CIDADE: Cachoeira de Minas-MG

ENDEREÇO: Rua Sebastião Pedro de Souza

CEP: 37545000

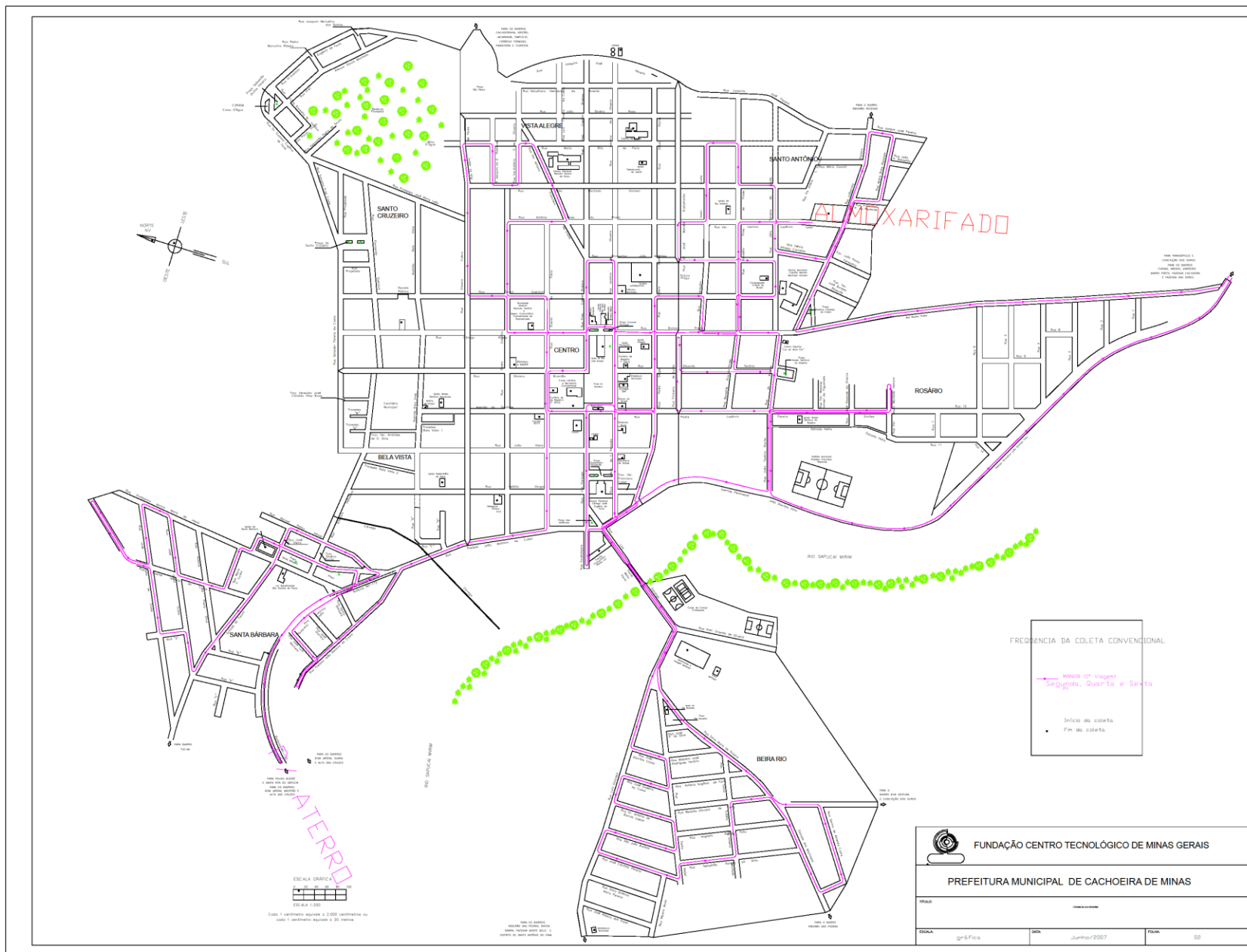
1.2 LOCALIZAÇÃO

CIDADE: CACHOEIRA DE MINAS-MG

COORDENADAS UTM: X 419 987 - L O

Y 7 528 266 - N S

1.3 TAMANHO DA ÁREA: 5, 14 ha



1.4. OBJETIVOS

1.4.1. Objetivo Geral

Conhecer a biodiversidade do local e contribuir para a criação de estratégias para conservação do fragmento florestal, envolvendo principalmente a comunidade do entorno.

1.4.2. Objetivo Especifico

O presente projeto tem como objetivo realizar o levantamento inicial florístico e faunístico no remanescente de Floresta Estacional Semi-decidual (Floresta Atlântica) do Parque Municipal Vereador Antônio Francisco da Costa, no município de Cachoeira de Minas, Minas Gerais.

2. CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

2.1. Clima

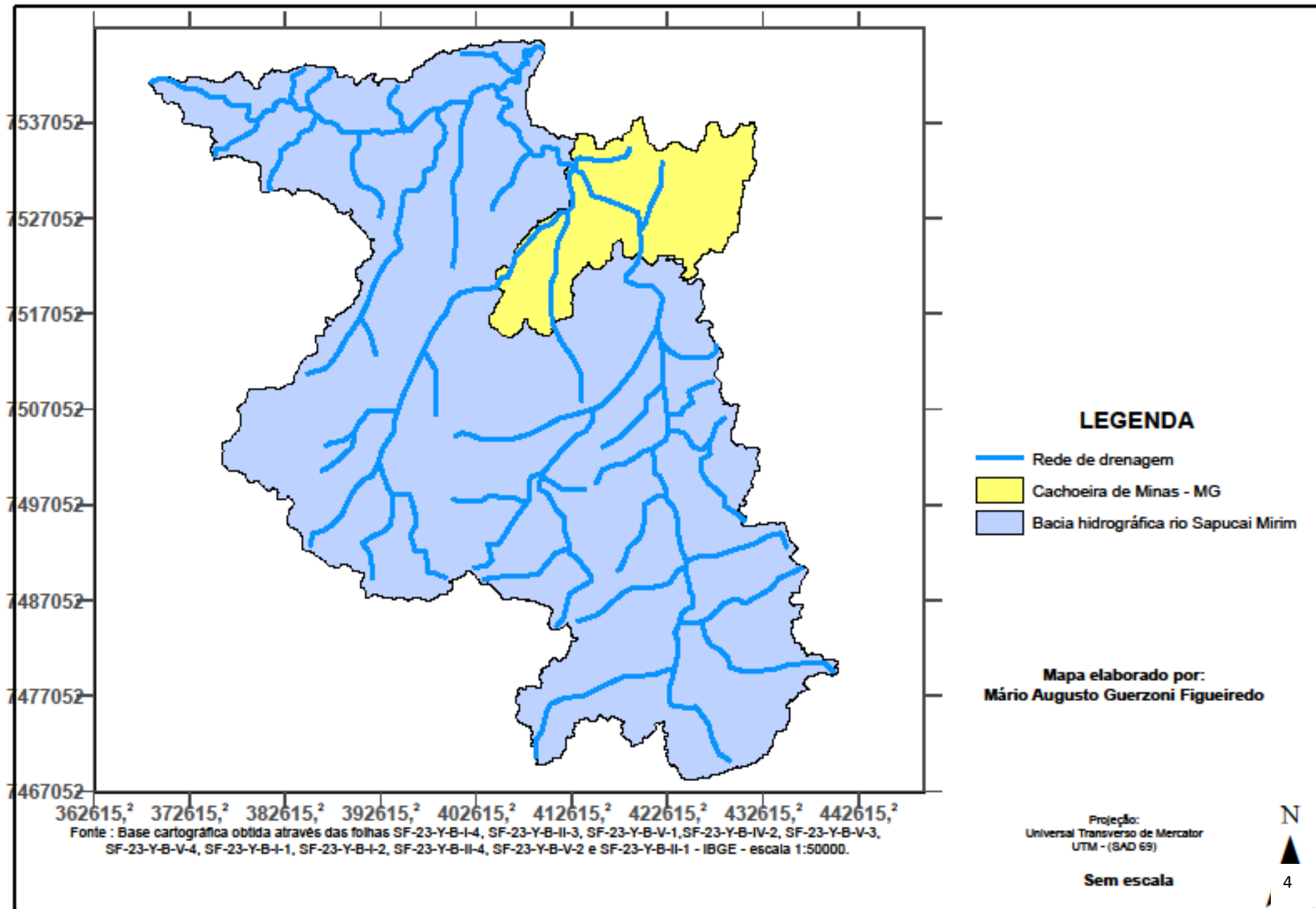
O município está localizado em uma região tropical, em áreas de altitudes elevada e por isso possui um clima amenizado, caracterizando-se como tropical de altitude. E por estar próximo ao trópico de capricórnio, em região temperada e com altas latitudes, a variação entre as temperaturas mínima e máxima é grande, sendo mínimas 13,5°C, onde o mês de janeiro é o mais quente e julho é o mais frio.

O índice pluviométrico médio anual é de 1200 mm anual, com o mês de fevereiro sendo o mais chuvoso e os meses de julho e agosto como mais seco, com ventos que sopram em direção ao Sul/sudeste para norte/nordeste, acompanhando o vale do Rio Sapucaí Mirim.

2.2. Recursos Hídricos

CURSO D'AGUA: Rio Sapucaí Mirim

Bacia de domínio da União



Mapa de localização do município de Cachoeira de Minas - MG na bacia do rio Sapucaí Mirim

3. FLORA E FAUNA

3.1. A Flora

A vegetação é típica da Floresta Estacional Semi-decidual, pertencendo ao Domínio da Mata Atlântica. Em sua maioria o parque é ocupado por “sensu stricto” podendo ainda ser de transição cerrado e apresentando inúmeras paisagens. Destacamos as seguintes:

- Floresta Estacional Semi-decidual:

Este tipo de vegetação está condicionado pela dupla estacionalidade climática: uma tropical, com época de intensas chuvas de verão seguidas por estiagens acentuadas; e outra subtropical, sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio de inverno, com temperaturas médias inferiores a 15°C. São florestas de árvores altas, de 20 a 25 m, onde muitas espécies como o próprio Jequitibá, por exemplo, perdem as folhas em época mais secas do ano.

É constituída por fanerófitos com gemas foliares protegidas da seca por escamas (catáfilos ou pêlos), tendo folhas adultas esclerófilas ou membranáceas decíduais. Em tal tipo de vegetação, a porcentagem das árvores caducifólias, no conjunto florestal e não das espécies que perdem as folhas individualmente, é de 20 e 50%. Nas áreas tropicais, é composta por mesofanerófitos que revestem, em geral, solos areníticos distróficos. Já nas áreas subtropicais, é composta por macrofanerófitos, pois revestem solos basálticos eutróficos.

As árvores que caracterizam esses biótipos são:

Cedro (*Cedrela fissilis*), Pau-Marfim (*Balforodendron riedelianum*), pau-d' alho (*Gallesia* sp.), Cabreúva (*Miroxylum balsamum*), Guarantã (*Esenbeckia leiocarpa*), Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), Peroba (*Aspidospema polyneuron*), Canela (*Nectandra* sp e *Ocotea* sp.).

- Cerrado

Cerrado é o nome regional dado às savanas brasileiras, sua paisagem é caracterizada por extensas formações savânicas interceptadas por matas ciliares ao longo dos rios, nos fundos de vale.

Ele caracteriza por formação vegetal típica de clima semi-úmido em regiões de irregularidade climática. Formações de campestres, de aspecto xeromórfico que equivalem a savanas, constituídos por tapetes de ervas, árvores retorcidas de raízes profundas, disseminadas pelo campo, se relacionam aos latossolos de grande profundidade, originários de arenitos das bacias sedimentares, com infiltração de água possibilitando a formação de lençóis de água. Nas áreas de vegetação ciliar ocorrem espécies de porte médio/alto, delgadas, podendo ocorrer delas retorcidas, ocasionalmente cobertas por lianas (cipós).

3.2. FAUNA

A fauna compreende todas as espécies animais que vivem no ambiente livres de quaisquer normas de domesticação. Tal definição, evidentemente, inclui todos os organismos que exercem o papel de consumidores na cadeia trófica, sejam eles vertebrados ou invertebrados (ZANZINI).

4. O LEVANTAMENTO DE CAMPO

Metodologia:

Fauna: O levantamento de fauna foi realizado através de observações das áreas, relatos de pessoas que moram no entorno e consulta a literaturas.

Flora: No caso da vegetação foi feita uma trilha na mata para demarcações das estações de coleta e assim podendo constatar a primeira vista, a existência de diferenças fisionômicas na vegetação. A área do estudo foi então dividida em três estações de coletas: estação 1, onde o ambiente é mais úmido e sombreado; estação 2, em que o ambiente é aparentemente mais seco e com árvores mais espaçadas; estação 3, o ambiente é mais seco com árvores mais adensadas e mais altas.

Com base em Rizzini (1979), consideraram-se arbóreos os indivíduos com 4 m ou mais de altura e com tronco diferenciado.

A identificação preliminar do material botânico foi feita no campo e, posteriormente, conferida, complementada e/ou corrigida no laboratório de taxonomia e herbários da UNITRI (Centro Universitário do Triângulo Mineiro) e também enviadas a especialistas aqueles materiais de difícil identificação.

5. RESULTADOS

5.1. Fauna

5.1.1. Fauna Invertebrada

Observou-se em geral um predomínio quantitativo e qualitativo dos animais invertebrados, principalmente nos níveis tróficos básicos da cadeia alimentar (consumidores primários e secundários, além dos decompositores). Esta é uma tendência comum em regiões de Mata Atlântica que, neste caso se mostra acentuada pela menor presença dos elementos da fauna vertebrada (em função do raleamento da vegetação original, causado pelas interferências antrópicas como a construção de várias casas no entorno reduzindo então a área de mata ciliar).

FILO	NOME POPULAR
<i>FILO ANNELIDA</i>	
<i>Pontoscolex sp</i>	Minhoca
<i>FILO MOLLUSCA</i>	
<i>Bradybaena sp</i>	Caracóis
<i>Phillocaulis sp</i>	Lesmas
<i>FILO ARTHOROPODA</i>	
<i>Phoneutrio sp</i>	Aranha armadeira
<i>Lycosa pampeana</i>	Aranha tarântula
<i>Tityus serrulatus</i>	Escorpião
<i>Labidura xanthopus</i>	Lacraia
<i>Julus sp</i>	Piolho de cobra

- Classe Insecta

A classe que comporta o maior número de espécies deste filo e dos demais conhecidos, pois compreende 60% das espécies de animais. Eles se distinguem de outros artrópodes por apresentarem 3 pares de extremidades locomotoras na fase adulta. A maioria também tem asas quando adultos; isto não ocorre em nenhum outro grupo de animal invertebrado. A capacidade de voar explica seu enorme sucesso como um grupo animal, pois os auxilia a encontrar alimentos, parceiros e escapar de inimigos. Habitam todos os lugares, possuindo uma importante atuação na cadeia alimentar da Biocenose.

NOME CIENTIFICO	NOME POPULAR
<i>Apis mellifera</i>	Abelha
<i>Exartematopus sp</i>	Besouro
<i>Mitis lysimnia</i>	Borboleta
<i>Opsiphanes invirae</i>	Borboleta
<i>Sitophilus sp</i>	Caruncho
<i>Acridium sp</i>	Gafanhoto
<i>Gryllus assimilis</i>	Grilo
<i>Radolia cardinalis</i>	Joaninha
<i>Stagmatoptera sp</i>	Louva Deus
<i>Polistes sp</i>	Marimbondo
<i>Aedes sp</i>	Mosquito

5.1.2 Fauna vertebrada

Verificou-se uma menor frequência de animais na área, sendo maior a concentração das espécies levantadas nos níveis tróficos básicos (consumidores primários e secundários). Quanto à Mastofauna, além do seu natural baixo grau de endemismo na Mata Atlântica, poucas espécies foram levantadas (principalmente predadoras), o que pode perceber ao fato de a área, restrita em si, apresentar-se bastante descaracterizada quanto à vegetação (como o raleamento de mata ciliar no seu entorno tendo a presença de moradores fazendo com que essas espécies se sintam ameaçadas em aproximar da mata).

Pelas informações levantadas observou-se que a fauna vertebrada em geral, quase nunca visita a área, mas com exceção feita a alguns anfíbios, répteis e aves, além de poucos mamíferos, que encontram condições de sobrevivência no trecho de mata ciliar restante (estas que são consideradas “corredores” de fauna).

Dentre os vertebrados, as aves (em especial as da Mata Atlântica) constituem a classe mais representativa, o que pode ser explicado pela presença de refúgios externos conservados.

Ainda que a Mastofauna não encontre condições de sobrevivência, a vegetação oferece alimentos em proporção suficiente para o sustento de insetos e pequenos herbívoros e roedores. A presença destes animais permite que onívoros e pequenos carnívoros surjam na área em busca de alimentos, atraindo alguns predadores que participam na conservação do equilíbrio do ecossistema.

Em relação à Herpetofauna, os anfíbios apresentam, juntamente com os répteis, alguns indivíduos de território estabelecido dentro da área, estando os primeiros associados à presença de água e de mata ciliar (ou próximo a esta), enquanto os últimos se adaptaram aos vários micro-ambientes, demonstrando tolerância às alterações ambientais processadas no local.

Por fim, observa-se que as atividades antrópicas determinaram um relativo empobrecimento e selecionamento da fauna em geral (principalmente a Mastofauna), com o afastamento de algumas espécies nativas devido à degradação e redução de parte de seu habitat.

A nível regional, entretanto, esse fato é minorado pela presença de áreas externas vizinhas mais conservadas e com água disponível, o que oferece alternativas de sobrevivência a estes animais.

CLASSE ANFÍBIA	NOME POPULAR
<i>Hyla albopunctata</i>	Perereca
<i>Pseudopaludicola falcipes</i>	Rã
<i>Bufo paracnemis</i>	Sapo

CLASSE REPTILIA	NOME POPULAR
<i>Trupidurus gr. torquatus</i>	Calango
<i>Ameiva ameiva</i>	Calango-verde

CLASSE AVES	NOME POPULAR
<i>Coragyps atratus</i>	Urubú comum
<i>Crotophaga ani</i>	Anu preto
<i>Amazia Versicolor</i>	Beija-Flor
<i>Phaethornis sp</i>	Beija-Flor do mato
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi
<i>Speotyto conicularia</i>	Coruja buraqueira
<i>Furnaris rufus</i>	João de barro
<i>Pionus maximiliani</i>	Maritaca
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Pássaro preto
<i>Colaptes campestri</i>	Pica-pau do campo
<i>Columbia talpacoti</i>	Rolinha
<i>Turdus leucomelos</i>	Sabiá barranqueiro
<i>Cariana cristata</i>	Seriema
<i>Ramphastos monolis</i>	Tucano

CLASSE MAMMALIA	NOME POPULAR
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá orelha branca
<i>Dasyprocta agouti</i>	Cutia
<i>Didelphis sp</i>	Gambá
<i>Deamodus sp</i>	Morcego
<i>Calomis sp</i>	Rato silvestre
<i>Dasypus novencinctus</i>	Tatu-galinha
<i>Eupharactus sexcinctus</i>	Tatu-peba

5.1.3 Flora

Espécies Pioneiras: (P)

São espécies que desenvolvem em clareiras, nas bordas da floresta ou em locais abertos, sendo claramente dependentes de condições de maior luminosidade, são de crescimento rápido, curta longevidade de 15 a 20 anos morre alta produção de sementes com alta precocidade, cerca de um ano já produzem sementes, onde estas são pequenas, com alto grau de dormência.

Ex: Sangra d' água (*Croton urucurana*), Fedegoso (*Senna macranthera*), Angico (*Anadenanthera peregrina*), Canudo de Pito (*Mabea fistulifera*), Pimenteira (*Xylopia aromática*), Aroeira pimenteira (*Schinus terebentifolium*)

Espécies Secundárias:(S)

São espécies que participam dos estágios intermediários da sucessão; as secundárias iniciais têm crescimento rápido e vivem mais tempo que as pioneiras; as secundárias tardias crescem mais lentamente sob sombreamento no início da vida, mas depois aceleram o crescimento em busca dos pequenos clarões no dossel da floresta, superando as copas de outras árvores, sendo por isso denominadas de emergentes.

EX: Paineira (*Ceiba speciosa*), Angico vermelho (*Piptadenia comunis*), Canafistula (*Cássia ferruginia*), Tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*).

Espécies Climax: (C)

Este grupo ecológico se estabelece após as secundárias e pioneiras, conseguem germinar na sombra, mas o indivíduo adulto é heliófilo, possui um crescimento lento, grande longevidade, baixa produção de sementes.

EX: Jequitibá (*Cariniana strellensis*), ipê amarelo (*Tabebuia serratifolia*), óleo bálsamo (*Myroxylum balsamum*).

Espécies encontradas no levantamento

Nome científico	Nome popular	Grupo ecológico
<i>Ateleia glazioviana</i>	Timbo	(P)
<i>Tibouchina granulosa</i>	Quaresmeira	(P)
<i>Ocotea puberula</i>	Guaicá	(P)
<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvu	(P)
<i>Inga vera</i>	Ingá do brejo	(P)
<i>Croton urucurana</i>	Sangra-d'água	(P)
<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	(P)
<i>Lithrea brasiliensis</i>	Aroeira braba	(P)
<i>Cybistax antisyphilitica</i>	Ipê verde	(P)
<i>Peltophorum dubium</i>	Canafistula	(P)
<i>Piptadenia gonoacantha</i>	Pau-jacaré	(P)
<i>Centrolobium tomentosum</i>	Araribá	(P)
<i>Cedrela fissilis</i>	Cedro rosa	(P)
<i>Ficus guaratinitica</i>	Figueira branca	(P)
<i>Gallesia integrifolia</i>	Pau-d' alho	(P)
<i>Ficus insipida</i>	Figueira do brejo	(P)
<i>Bryrsania spicata</i>	Murici-do-campo	(P)
<i>Bougainvillea glabra</i>	Primavera	(P)
<i>Micrandra elata</i>	Leiteiro-branco	(P)
<i>Terminalia brasiliensis</i>	Amarelinho	(P)
<i>Trichilia hirta</i>	Carrapeta	(P)
<i>Senna macranthera</i>	manduirana	(P)

Nome científico	Nome popular	Grupo ecológico
<i>Schinus terebenthifolia</i>	Aroeira vermelha	(S)
<i>Aloysia virgata</i>	Lixa	(S)
<i>Apeiba tibourbou</i>	Pau-Jangada	(S)
<i>Duguetia lanceolata</i>	Pindaíva	(S)

Nome científico	Nome popular	Grupo ecológico
<i>Pouteria torta</i>	Abiu-piloso	(C)
<i>Apidosperma cylindrocarpon</i>	Peroba-poca	(C)
<i>Ocotea corymbosa</i>	Canela-côrvo	(C)
<i>Copaifera langsdorffi</i>	Pau-de-óleo	(C)
<i>Eugenia pyriformis</i>	Uvaia	(C)

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, DE N. Estudo fitossociológico em uma floresta mesófila semidecídua na Estação Ecológica de Angatuba, município de Angatuba, SP. Tese doutorado, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 1993.

LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil, vol 1 e 2. Ed. Nova Odessa, SP, 2002.

MEIRA NETO, J.A.A., BERNACI, L.C., GROMBONE, M.T., TAMASHIRO, J.Y. & LEITÃO FILHO, H.F. Composição florística da floresta semidecídua de altitude do Parque Municipal da Grota Funda (Atibaia, estado de São Paulo.) Acta bot. bras. 1989. 3: 51-74.

MACHADO, A.B.M. Livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais: Função Biodiversidade. Nova fronteira. Rio de Janeiro, 1997.

RIZZINI, C.T. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica (florístico-sociológica) do Brasil. Revta brasil. geogr. 1963. 24: 1-64.

SANO, S. M. Cerrado: ambiente e flora. Embrapa-CPC Planaltina, 1998.556p.

ZANZINI, A. C. S. Fauna Silvestre. - Lavras: UFLA/FAEPE, 2000. 80 p.: il.

INDICE

1. RESPONSÁVEL TÉCNICO PELO PROJETO -----	01
1.1 IDENTIFICAÇÕES DO PARQUE-----	01
1.2 LOCALIZAÇÃO -----	01
1.3 TAMANHO DA ÁREA-----	01
1.4 OBJETIVOS-----	03
1.4.1. Objetivo Geral-----	03
1.4.2. Objetivo Especifico-----	03
2. CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL-----	03
2.1. Clima-----	03
3. FLORA E FAUNA-----	05
3.1. A Flora-----	05
3.2. FAUNA-----	06
4. O LEVANTAMENTO DE CAMPO-----	06
5. Resultados-----	07
5.1. Fauna-----	07
5.1.1. Fauna Invertebrada-----	07
5.1.2 Fauna vertebrada-----	08
5.1.3 Flora-----	10
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	13